



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS TECNOLÓGICAS E LETRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

CARLA BEATRIZ BORGES DA SILVA

**ANNE WITH AN E: A LUTA CONTRA O PATRIARCADO ATRAVÉS DAS
PERSONAGENS ANNE E STACY**

Açailândia
2023





Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CARLA BEATRIZ BORGES DA SILVA

**ANNE WITH AN E: A LUTA CONTRA O PATRIARCADO ATRAVÉS DAS
PERSONAGENS ANNE E STACY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL/Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), para obtenção do título de graduação do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof.^a Esp. Rafaete de Araujo

Açailândia
2023



S586a

Silva, Carla Beatriz Borges da

Anne with an e: a luta contra o patriarcado através das personagens Anne e Stacy
/ Carla Beatriz Borges da Silva. – Açailândia: UEMASUL, 2023.
25 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Letras Português) –
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL,
Açailândia, MA, 2023.

Orientadora: Profa. Esp. Rafaete de Araujo

1. Anne with an E. 2. Feminismo. 3. Representatividade. 4. Cinema. I. Título.

CDU 308



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CARLA BEATRIZ BORGES DA SILVA

**ANNE WITH AN E: AS VOZES DAS PERSONAGENS ANNE E STACY
COMO SÍMBOLO DO DISCURSO DE LUTA CONTRA O PATRIARCADO**

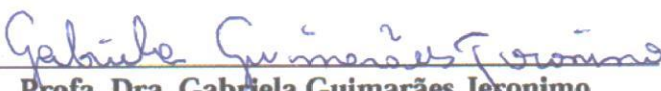
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL/Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), para obtenção do título de graduação do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em: 27/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br RAFAETE DE ARAUJO
Data: 04/07/2023 11:19:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Rafaete de Araujo (Orientadora)
Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão


Profa. Dra. Gabriela Guimarães Jerônimo
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Documento assinado digitalmente
gov.br THAISA VIEGAS DE PINHO
Data: 06/07/2023 15:23:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Thaisa Viegas
Mestra em Interdisciplinar em Cultura e Sociedade
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão





RESUMO

Este trabalho tem como *corpus* a série *Anne With An E*, sendo o nosso objeto de pesquisa a luta contra o patriarcado por meio de ações das personagens Anne e Stacy. O objetivo é analisar a importância das personagens na luta contra a opressão de gênero no contexto do seriado. A metodologia adotada ancora-se em uma análise textual e interpretativa dos episódios da série, com o foco nas narrativas das personagens Anne e Stacy em relação aos desafios e resistências às normas patriarcais. Concluiu-se que a série *Anne With An E* apresenta um retrato inspirador da luta contra o machismo estrutural, principalmente por meio das personagens analisadas. Anne, uma jovem destemida, questiona e desafia as expectativas tradicionais de gênero, rejeitando os papéis limitantes impostos às mulheres. Sua determinação e coragem são símbolos de resistência contra as disparidades entre homens e mulheres. Stacy, por sua vez, representa a busca pela equidade, lutando contra as injustiças e demandando mudanças sociais. A série destaca a importância de personagens femininas fortes em luta e a promoção de discussões sobre igualdade de gênero. Mediante essas personagens, *Anne With An E* oferece uma narrativa poderosa que inspira e desafia a hegemonia, contribuindo para uma maior conscientização sobre a importância dos esforços travados pelos direitos femininos.

Palavras-Chaves: Anne With An E; Feminismo; Representatividade; Cinema.





ABSTRACT

This work focuses on the TV series *Anne With An E*, with our research objective being the fight against patriarchy through the actions of the characters Anne and Stacy. The aim is to analyze the importance of these characters in the struggle against gender oppression within the context of the show. The methodology employed involves a textual and interpretative analysis of the series' episodes, with a focus on the narratives of Anne and Stacy in relation to their challenges and resistance to patriarchal norms. It was concluded that "Anne with an E" presents an inspiring portrayal of the fight against structural sexism, primarily through the analyzed characters. Anne, a fearless young woman, questions and challenges traditional gender expectations, rejecting the limiting roles imposed on women. Her determination and courage symbolize resistance against the disparities between men and women. Stacy, on the other hand, represents the pursuit of equity, fighting against injustices and advocating for social change. The series underscores the importance of strong female characters in the fight and the promotion of discussions on gender equality. Through these characters, "Anne with an E" offers a powerful narrative that inspires and challenges hegemony, contributing to greater awareness of the importance of efforts for women's rights.

Keywords: Anne With An E; Feminism; Representation; Cinema.



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por todas as oportunidades que Ele me deu ao me permitir passar por esse processo da graduação e enfim chegar ao tão sonhado momento da conclusão de curso. Foram grandes momentos, diversos aprendizados e muitas amizades cultivadas que pretendo levar para a vida. Quero deixar registrada a minha imensa satisfação em ter, até os dezenove anos de idade, a minha avó como grande parceira em minha vida. A minha querida *vozinha* me viu concluir o ensino médio e vibrou muito com a minha entrada na universidade. Nunca a esquecerei e, principalmente, sempre me lembrarei de como formávamos uma ótima dupla. Eu não tinha apenas uma avó, mas também uma mãe, uma amiga, uma parceira e, acima de tudo, um ombro para chorar nos momentos difíceis. Hoje, sigo sozinha, mas sempre tentando dar orgulho para ela, de onde ela estiver.

É imprescindível a relevância das minhas amizades feitas em sala de aula nessa vida universitária. A minha panelinha — que carinhosamente chamamos de M&M's, *Meninas Malvadas*, sendo Carla B (eu), Carla C, Nicole e Vanessa — minhas grandes amigas, tornaram essa trajetória acadêmica muito mais leve, segura e divertida. A nossa relação sempre foi algo que amei, sinto que é a minha família na UEMASUL. Aprendi muito com todas elas e as amo demais, amadureci e sou extremamente grata por tudo.

Agradeço a todos os meus familiares que me fizeram passar por muita raiva e me lembraram que a minha independência é muito importante para eu ter paz. Fico imensamente grata pelo suporte da minha mãe, Eliana, e do meu padrasto, Moisés, que sempre me deram apoio, me levavam para a universidade e eram compreensivos quando necessário.

Também agradeço à minha pequena irmã. Em um dia de oficinas, na universidade, a levei para ser uma mini *Wandinha Adams* e ela participou com muita alegria. Sou grata a Deus pela minha família. Somos diferentes, meio caóticos, mas temos muito amor e apoiamos uns aos outros sempre quando é preciso. Sou feliz por tudo isso e espero poder retribuir no futuro.

Não poderia deixar de ressaltar a importância do Diogo na minha vida nesses momentos, que sempre me ajuda quando preciso e não mede esforços para me ver feliz. Do jeitinho dele, tenta me compreender e me amparar nos dias difíceis. Sou extremamente feliz por compartilhar momentos com ele, seja de alegria ou de tristeza, tentando terminar essa graduação. Então, com isso, só almejo que a formação acadêmica me traga bons frutos e um salário bem gordo, pois ela tirou todo o meu juízo e o de quem estava ao meu redor.





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. METODOLOGIA.....	9
2. O CONTEXTO SOCIOCULTURAL EM ANNE WITH AN E	10
3. ANNE, STACY E A CAUSA FEMININA	13
4. ANNE E O PROTAGONISMO FEMINISTA.....	14
5. MURIEL STACY E A PROGRESSÃO FEMINISTA PELA EDUCAÇÃO.....	17
6. ANNE E STACY LADO A LADO CONTRA O PATRIARCADO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23



INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como base o discurso social presente em *Anne with an E*, produção da *Netflix* (2017), observado por meio das narrativas das personagens Anne Shirley e Muriel Stacy. A série contém sensibilidade e delicadeza em sua retratação, oportunizando uma análise textual interpretativa, em uma perspectiva feminista, sobre os possíveis posicionamentos que impliquem na força contra o patriarcado nesse contexto ficcional. As representações femininas, como é o caso das personagens supracitadas, sofrem com o modelo de machismo, onde sempre são vítimas de restrições e preconceitos de gênero na sociedade, de acordo com Pinto (2009).

Anne with an E é ambientada no final do século XIX, em uma época em que o patriarcado era ainda mais preponderante. A protagonista, Anne, uma menina adotada por um casal de irmãos solteiros, enfrenta diversos desafios em virtude de sua condição de mulher e órfã. Por ser considerada "diferente", passa por situações de discriminação e, por isso, luta para ser aceita e respeitada. Muriel Stacy, uma das personagens secundárias, é professora e enfrenta barreiras impostas pelo machismo. Ela é independente, decidida e desafia os padrões da época ao lutar pelo direito à educação das mulheres. Diferentemente de Anne, que é uma pré-adolescente, Stacy é adulta, com uma maior bagagem de conhecimentos e experiências. Esse ponto é relevante para a trama e deve ser ressaltado por proporcionar à professora uma maior maturidade ao lidar com as adversidades apresentadas na vida em sociedade. Juntas, na série, essas duas personagens representam a luta feminina contra as imposições patriarcais e a busca pela equidade de gênero.

Ter uma figura de representatividade, liderança e luta coletiva é o ponto basal para iniciar uma mudança social e cultural. Ter o lugar de fala e a determinação para apresentar os problemas que afetam diretamente as mulheres são uns dos motores da luta para o alcance das liberdades femininas. A série também vocaliza o empoderamento feminino, evocando um sistema de conversação que constrói condições de escuta e expande novos pensamentos para a desconstrução de um discurso patriarcal. Cunha (2014) nos coloca que o sistema patriarcal se resume a um regime de dominação e subordinação em que o homem, normalmente o pai, patriarca, mantenedor e provedor ocupa a posição de centralidade na família. Esse sujeito é a representação de uma autoridade máxima, de modo que todos na casa (especialmente esposa e filhos) devem-lhe plena obediência. Esse padrão é explicitamente evidenciado na produção como o modelo a ser seguido pela sociedade da época.



Partindo desse ponto, formulam-se os seguintes questionamentos: de quais maneiras essas representações podem ser visualizadas em *Anne With an E*, considerando a retratação da luta feminina por emancipação? Como as vozes das personagens Anne e Stacy atuam discursivamente nessa conjuntura? Dadas essas indagações, objetivamos, neste trabalho, discutir a importância da série e a sua utilidade como meio potencial de propagação discursiva de luta contra o patriarcado e, subsequentemente, analisar como ocorreram as construções das personagens, tendo em centralidade as suas respectivas evoluções na trama e as suas ações no que tange ao combate às injustiças sociais.

A pesquisa é de cunho bibliográfico. Procuramos direcionar as nossas análises sobre as personagens¹ em três eixos principais: o patriarcado, o feminismo e o cinema. Também abordamos, neste artigo, as características sobre os cenários, a contextualização histórica, os costumes e os princípios retratados na série. Com o intuito de contextualizar a história aos que nos leem, abordamos as atitudes das personagens entendendo as circunstâncias de um espaço ficcional histórico, que remonta a uma época passada, e de um *locus* situado no *Norte Global*. Faz-se necessário salientar, sobre esses aspectos, que ao voltarmos nossos olhares ao Brasil, tanto no período em que a trama se passa (século XIX), quanto na atualidade, teríamos extravagantes divergências contextuais, principalmente no que se refere aos padrões de beleza. Junto a isso, apresentamos as personagens, suas principais características e os discursos circundantes que empregam a temática de defesa das mulheres. Discorreremos sobre as contribuições de Stacy, que, ao tomar a educação como suporte, é ponto chave para a evolução de Anne, que influi, concomitantemente, no desenvolvimento da professora.

A série, nesse sentido, é um *corpus* de pesquisa relevante, pois, mesmo se montando no passado, onde é possível perceber a convergência com os fatos ocorridos no século XIX, utiliza discursos atemporais, ainda vigentes na atualidade. A luta feminina, a liberdade sobre os próprios corpos e à intelectualidade, o poder de fazer escolhas próprias, a realização dos desejos em detrimento das imposições do outro e, por fim, a importância da coletividade para a luta das mulheres como luz para o enriquecimento de ideias são pautas históricas que se fazem muito patentes no presente momento. O patriarcado não acabou e, como efeito, a luta contra a subalternização do espaço feminino está longe de findar.

¹ As análises sobre as personagens não seguem a ordem cronológica da série. Em diversos momentos, percorremos por episódios entre a primeira e a terceira temporada.



1. METODOLOGIA

A presente pesquisa é bibliográfica, uma vez que trazemos análises e interpretações sobre as personagens de um *corpus* cinematográfico. Adotamos uma perspectiva feminista a fim de responder aos questionamentos norteadores sobre como as representações de luta feminina podem ser visualizadas na série, considerando a discursividade das vozes das personagens Anne e Stacy como reforços contra o patriarcado. Para a nossa discussão teórica sobre as temáticas como o patriarcado, o feminismo e o cinema, também recorreremos à pesquisa bibliográfica.

Dessa forma, realizamos uma análise interpretativa sobre as personagens da série *Anne With an E*, que é composta por 3 (três) temporadas que contém, em cada uma delas, 27 (vinte e sete) episódios com a duração de 45 (quarenta e cinco) minutos. Nela, são identificados os relatos e diálogos em que as personagens destacadas (Anne e Stacy) apresentam suas opiniões, ações e seus posicionamentos, bem como suas características e evoluções como fortes personagens femininas, com formações comportamentais e intelectivas subversivas ao que lhes eram socialmente impostos, tendo como principais questões os seguintes pontos:

- O poder do patriarcado na época em que a série se passa;
- A representação da personagem Anne como figura de resistência frente às imposições patriarcais;
- A presença da personagem Muriel Stacy, na série, e suas contribuições através da educação;
- A criação de laços e o fortalecimento das vozes de Anne e Stacy.

A metodologia utilizada nos permitiu explorar o universo de *Anne With an E* partindo das personagens ao contexto em que vivem, as suas influências, experiências que influenciam seus comportamentos e forma de pensar, suas carências, fragilidades e as interrelações com o meio social. Nesse meio, Anne e Stacy se destacam justamente pelas suas colocações frente à causa feminina.

Apesar da série ser baseada na coletânea de livros *Anne of Green Gables*, escrito por Lucy Maud Montgomery (1908), optamos por trabalhar com a versatilidade possibilitada por uma produção audiovisual. A escolha da série se justifica pela presença de discursos no texto visual, além do alcance e penetração que esse tipo de produção tem socialmente e a viabilidade de seu uso como recurso/apoio didático para o âmbito escolar, constituindo-se como possível



facilitadora para a dinâmica ensino-aprendizagem em sala de aula. Pensando no atual modelo de sociedade, enxergamos a série como um instigante viés para a análise, uma vez que

A cultura contemporânea é sobretudo visual. *Video games*, vídeos, cinema, telenovela, propaganda e histórias em quadrinhos são técnicas de comunicação e de transmissão de cultura cuja força retórica reside sobretudo na imagem e secundariamente no texto escrito, que funciona mais como um complemento, muitas vezes até desnecessário, tal o impacto de significação dos recursos imagéticos (PELLEGRINI, 2003, p. 15)

Partindo desses pontos, este trabalho tangencia um prisma histórico, ao se considerar a temporalidade ficcional. A trama de *Anne With An E* se passa entre 1876 e 1881, com uma reprodução mimética de um quadro daquela época, naquela localidade, evidenciando visões de mundo, sociedade e uma estética alusiva aos anos oitocentistas. Assim, a série apresenta como os homens e até as próprias mulheres enxergavam a figura feminina, desvendando a régua moral que media a aceitação de comportamentos e regras que eram impostas, mesmo que essas parecessem barbaridades ou não apresentassem motivo lógico.

Direcionamos o foco de algumas análises aos episódios 6 e 7, por eles apresentarem características muito marcantes ao abordarem situações de impacto que envolviam Anne e Stacy em embate com as normas patriarcais. Especificamente nesses episódios, foram exibidos um conjunto de acontecimentos e desdobramentos fundamentais para um ponto de virada. Dentro da ficção, a pauta levantada contribuiu para que novas discussões de cunho social fossem feitas, abrindo um leque além às temáticas feministas, trazendo à tona outros assuntos que ainda hoje são deixados à margem, mas que são de suma importância para a sociedade.

2. O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE ANNE WITH AN E

Anne With an E é uma produção cinematográfica que foi originalmente transmitida pela *CBC Television*, mas que chegou ao Brasil através da plataforma de *streaming Netflix*, em 2017. Tratando-se de uma adaptação, a série é baseada na supramencionada obra de Lucy M. Montgomery (1908), originalmente denominada de *Anne of Green Gables*. As obras retratam a pré-adolescência/adolescência de uma órfã chamada Anne Shirley, que após sofrer por mais de dez anos no sistema de assistência social, é finalmente mandada para uma fazenda cujos donos eram dois irmãos solteiros que moravam juntos, Marilla e Matthew Cuthbert. Entretanto, Anne foi entregue ao seu novo lar por engano, em razão de que os irmãos tinham a intenção de adotar um menino para ajudar nos afazeres rurais, o que era para a maioria das pessoas da região o seu



meio de sustento. Eis então o primeiro conflito da história: Anne quer a todo custo permanecer na fazenda, ser adotada de fato pela família, e provar que é perfeitamente capaz de executar qualquer tarefa que um homem faria.

A série se passa no espaço da pequena e ficcional Avonlea, uma pacata cidade onde não havia energia elétrica, uma vez que o acesso à eletricidade era uma novidade naquela época, sendo um serviço fornecido apenas para as pessoas de alto poder aquisitivo. Além da energia, também não se tinha água encanada. Ali, muitas pessoas viviam da agricultura familiar e empregavam-se em pequenos comércios de família. A maioria dos habitantes se conheciam e se relacionavam entre si, em algum nível. Mesmo para aqueles tempos, a localidade era considerada uma cidade simples e “atrasada” em muito âmbitos, igualmente era altamente conservadora e fechada aos discursos que começavam a ecoar nos grandes centros urbanos sobre os direitos femininos.

Por mais que atualmente o patriarcado se faz intrínseco em várias camadas socioculturais, na era retratada pela obra se montava como uma força altamente preeminente ao ditar, de maneira rigorosa, os padrões a serem seguidos. Tinha-se regras cruciais, que se não fossem seguidos à risca, as pessoas (especialmente as mulheres) eram desprezadas e/ou mal falados em seu meio social. Esses moldes implicavam (e ainda hoje o implicam) em uma submissão feminina. Sobre isso, Cunha (2014, p. 154) nos aponta que o patriarcado é uma especificidade da afinidade de gênero, um método de dominação-subordinação, que, por isso, se configura como uma relação social. Por conseguinte, se pressupõe a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s).

A estrutura machista permeava todas as relações e comportamentos, incluindo homens (em posição de dominador) e mulheres (na posição de dominada), essas sempre coagidas e silenciadas. Sobremaneira, a lógica se reproduzia por não serem introduzidos novos pensamentos e, fundamentalmente, pelas mulheres não ocuparem espaços de poder para que, assim, suas demandas fossem ecoadas. Por óbvio, o pensamento machista, que também recaia nos discursos das mulheres, não era de fato culpa delas. O ideal patriarcal, com artifícios explícitos e implícitos, torna-se naturalizado em esfera social, atuando objetivamente a partir do controle e dominação sobre os corpos das mulheres. A norma, advinda desses preceitos, ditavam até os trajes. São recorrentes, na série, as manifestações de como seria a maneira “decente” de se vestir. A exemplo: moças nunca deveriam mostrar os joelhos e, ao atingirem a “maturidade”, tinham de usar espartilhos por obrigação, não importando o quão desconfortáveis fossem.



A trama espelha, de forma verossímil, a pressão social que recaía sobre as mulheres na época. Como dito anteriormente, se as pessoas não se adequassem a tais regras, isso era sinônimo de exclusão da sociedade, em muitos casos eram jogadas à marginalização. Esse ponto em questão, evidencia a idealização que se tinha sobre *ser mulher*, independentemente de sua idade, deixando manifesta a sua problemática: o enraizamento, ou cristalização, de um código misógino no imaginário de uma comunidade do século XIX, que perdura na contemporaneidade. Mas, talvez possamos afirmar que o poder do patriarcado sobre as pessoas da época era ainda mais soberano devido à nulidade de espaços que permitissem uma profícua oposição discursiva.

Pensando na visão cinematográfica, o formato de série, além dos elementos estéticos-visuais, destrincha seus assuntos de forma mais longa e contínua. Aborda, com maior riqueza de detalhes, a construção das personagens e aprofunda a narrativa, possibilitando a formação de vários núcleos que, conseqüentemente, viabiliza outros eixos narrativos-discursivos. *Anne With An E* tem como uma das temáticas centrais a causa feminista, mas aborda com louvor outros temas que geram caras discussões, como a causa indígena na América do Norte em tempos de aculturação e genocídio colonial, a situação das periferias (*guetos*) e o racismo sofrido pelas pessoas negras, a homossexualidade e as várias dificuldades passadas por crianças órfãs.

A arte audiovisual se arqueia sobre temas sensíveis de maneiras que vão além da palavra. A dramatização nos permite, sinestesticamente, partilhar das ações, reações e memórias retratadas. Na série, as lembranças de Anne, inseridas em regressões narrativas (*flashbacks*), nos faz imergir sobre os traumas por ela vividos e o quão foram basilares para a formação de sua personalidade, revelando-nos a singularidade da protagonista, que contagia e transforma a todos ao seu redor, seja indiretamente ou até por impactos frontais.

É de suma importância pontuarmos que esta pesquisa recai sobre a historicidade constitutiva da série, e que, por isso, não podemos cair em anacronismos. Não caracterizamos, aqui, o universo ficcional de *Anne With An E* como um modelo atual de sociedade. Almejamos, sobre esse ponto, traçar alguns paralelos entre os problemas retratados na trama, em remotos tempos oitocentistas, e as questões que ainda se fazem presentes atualmente, em pleno século XXI.



3. ANNE, STACY E A CAUSA FEMININA

Para complementar a importância da temática, é interessante entender o conceito de feminismo(s), que com o passar das décadas vem angariando forças, maior adesão e produção intelectual, visto a necessidade pela luta emancipatória e o aumento de sua solidificação enquanto movimento social de grande pluralidade e do surgimento de difusas vertentes teóricas. Dentre suas concepções, temos várias definições e diversas autoras falando sobre suas perspectivas.

O conceito de feminismo, de acordo com Soares (1994), é compreendido como a ação política das mulheres, englobando teoria, prática e ética. A autora reconhece as mulheres, historicamente, como sujeitos da transformação de sua própria condição social. Nesse sentido, o feminismo é um ponto de relevância para a luta das mulheres em busca de equidade. Podemos pontuar, sobre esse panorama, que

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. (PINTO, 2003, p. 54).

O processo de luta requer exemplos que reforcem as reivindicações desse movimento; nomes que se tornem passíveis de representação para o público feminino. Também, é necessário compreender como os elementos do passado se perpetuaram na sociedade, fazendo-se presentes ainda nos dias atuais. Foi a partir destes pontos, da necessidade e importância da representatividade, que selecionamos a série *Anne With An E* como nosso *corpus* susceptível à análise sob um viés feminista. Para isso, elegemos Anne e Stacy como personagens em centralidade, devido a força representativa e atuação de ambas, principalmente no que tange à subversão das imposições patriarcais e ao questionamento das normas.

A interpretação sobre a perspectiva feminista das personagens na obra é uma modo de leitura sobre as suas práticas e os seus devidos impactos à coletividade. Para o enredo, muitas dessas ações foram importantes para que a mudança fosse concretizada. Anne, até por ser a protagonista, aparece em todas as três temporadas. Stacy tem a sua primeira aparição na segunda temporada, onde continua até a terceira e última. Nesse ínterim, tiveram um nítido desenvolvimento interno e, com isso, levaram mudanças aos espaços e contribuíram, também, para a evolução de outras personagens. Anne, principalmente, foi uma personagem com significativas evoluções em sua construção, já que tinha uma faixa-etária frutífera à absorção de novas ideias e ao amadurecimento de suas ações. Com isso, a adolescente, com o auxílio de



sua professora Stacy, foi compreendendo progressivamente quais seriam as abordagens mais efetivas para os resultados que pretendia causar em seu meio, deixando de lado, aos poucos, a sua impulsividade e gana puerís.

4. ANNE E O PROTAGONISMO FEMINISTA

Anne é uma figura feminina extremamente autêntica, com um intelecto que voa além das gaiolas de seu tempo, sempre com posicionamentos divergentes aos preconceitos naturalizados na época. A protagonista, com sua ampliada visão sobre as relações sociais e a sua justificada rebeldia, tem uma importante atuação sobre o contexto em que vive. A personagem impacta com suas indagações atemporais a sua comunidade, na ficcionalidade. Acima disso, faz reverberar seu discurso na exterioridade, em nossa sociedade, o que pode ser notado pelo grande sucesso que a série fez e continua fazendo mesmo após o seu cancelamento.

Pensando nesse impacto positivo, é imprescindível situar e analisar quais os contextos internos ao mundo de Anne que estimularam esse grande sucesso, e pensar que, mesmo diante disso, houve o cancelamento da produção. Quais seriam os motivos para que uma série com essa gama estrutural e diversas temáticas sociais importantes viesse a ser barrada? Não pretendemos adentrar aos meandros dessa questão. Levantamos a reflexão meramente a título de pensarmos sobre como uma obra repleta de personagens autênticos, com uma grande profundidade discursiva, temas essenciais e, ao mesmo tempo, vendável, pode ser engavetada por motivos que — até onde sabemos — são comerciais.

Voltando à nossa protagonista, Anne é apaixonada por literatura, pela imaginação, por contar e inventar histórias. Aos fãs da série, é nítido que pode faltar tudo em Anne, menos o espaço para a criatividade, ponto esse que a permite tanto atrair, quanto repelir as pessoas. Ao analisarmos as suas falas, percebemos sempre um ímpeto questionador. A personagem sempre se posiciona contra as ações e pensamentos que a infligem como pessoa, principalmente os que a atingem enquanto mulher. Sempre se coloca em embates contra as questões que destoam da sua concepção de “certo”, correntemente marcando a sua opinião sobre as mulheres serem perfeitamente completas sozinhas.

No *Capítulo 6 – O que eu mais quero*, continuado no *Capítulo 7 - Esforço pelo bem*, vemos a reação de Anne diante de acontecimentos injustos e machistas. Os episódios trazem o caso de Billy e Josie, os dois colegas de classe de Anne. Durante uma festividade, Billy tenta seduzir Josie a chamando para o lado de fora de um celeiro. Então sozinhos, o rapaz começa a beijar a garota, a assediando sexualmente. Todavia, Josie consegue se desvencilhar e dizer que



isso não poderia acontecer. Billy, frustrado por não conseguir o que queria, acaba espalhando para todos que a moça não conseguiu “esperar até o casamento”, insinuando que algo teria acontecido entre os dois e que teria partido de Josie, tirando totalmente sua responsabilidade sobre o assédio cometido e tentando desonrar a jovem por mero capricho e necessidade de inflar seu próprio ego.

Esse tipo de situação pode ser observado em inúmeros casos que ocorrem cotidianamente nos dias de hoje, o que nos faz não restringir o acontecimento ficcional como um comportamento unicamente atribuído ao pensamento da época. Como acontece intemporalmente na realidade, o machismo prevaleceu e Josie saiu como a culpada pela violência sofrida. Anne se indignou profundamente ao saber do que havia acontecido e, sem pensar nas consequências, foi tirar satisfações com o rapaz no meio do evento, o acusando de mentir e inventar comentários maldosos, como transcrito neste diálogo²:

“Anne — como você ousa?

Billy — Veio implorar um beijo também?

Anne — Implorar? Não foi isso que aconteceu. Sabe disso. Como ousa espalhar boatos sobre a minha amiga?

Billy — Você não estava lá. Não sabe do que está falando.

Anne — Eu tenho olhos e vejo que ela está arrasada. Não devia ter tocado nela, Billy!

Billy — Bom, acho que ela se arrepende de ter pouca decência” (ANNE WITH AN E, 2017).

Todos os que estavam presentes ouviram o acalorado embate, por essa razão Josie sai correndo arrasada e incrédula por estar passando por tal situação. Um detalhe interessante é que a personagem que Anne defende sempre a tratou com muito desprezo pelo fato de a colega ser órfã. Para Anne, o que importava era uma postura combatente ante a uma injustiça, defendendo a pessoa vitimada, independentemente da sua relação pessoal, de ser ou não um desafeto seu.

O sentimento de revolta fez com que ela fosse sozinha, na calada da noite, até à imprensa da escola e escrevesse um artigo denominado *O que é justo*. Anne então distribuiu os folhetos na missa de domingo, onde quase toda a comunidade se fazia presente e, assim, pudesse ter uma grande repercussão. Em um dos trechos do artigo³.dizia: “Destaco esse caso porque ocorreu ontem em nossa própria comunidade, mas na verdade, é apenas um dos inúmeros

² Todas as falas analisadas foram feitas a partir das legendas da série, pois essas trazem uma maior fidelidade para a tradução, pois, conforme Gorovitz (2006, p. 46), “A legendagem é a tradução de uma linguagem oral para uma mensagem escrita.”

³ Traduzido em português por Bertolino; Sousa e Carozza (2021).



incidentes que são perpetrados contra as mulheres todos dias, em cada parte do mundo por séculos” (ANNE WITH AN E, 2017).

Com essa colocação a personagem já adianta que esse tipo de comportamento não é algo apenas contemporâneo àquela época, mas sim uma prática incorrida ao longo de eras ou, como ela mesmo cita, *por séculos*. Em outro trecho do texto, continua expressando sua indignação: “O desrespeito total à AUTONOMIA DO CORPO DAS MULHERES é uma questão sistêmica – que envolve um sexo inteiro – e certamente, vale o nosso tempo e atenção” (ANNE WITH AN E, 2017).

Nesse fragmento, alerta que tudo o que acontece com uma única mulher acaba afetando todas as outras, convergindo à noção de estruturação social que ultrapassa a esfera individual. Casos como o de Billy e Josie não poderiam passar como um problema isolado, mas deveria ser enxergado como produto e efeito da lógica de dominação patriarcal e, assim, causar indignação por uma mulher estar sendo penalizada ao invés de seu agressor, sendo acusada de depravação/indecência após sofrer um assédio.

No entanto, a veiculação do artigo trouxe consequências e impactos negativos que a autora não esperava. A maioria da sociedade estava acostumada àquele modelo de vida, àquelas normas, e era absolutamente incomum alguém se posicionar de tal maneira sobre uma violência sofrida por uma mulher (e, maiormente, praticada por um homem). Na ocorrência dessas situações, era (e ainda é) comum tratá-las como casos de “indecência” ou de “problemas de casal”. Manifestação revoltosa de Anne era justificável, mas não tinha o apoio necessário. O machismo estava acima do que deveria, segundo ela, ser o “correto” ou “justo” para as mulheres.

A construção da protagonista, como sobredito, é baseada em experiências e relatos do seu passado conturbado. Mesmo com abundantes traumas, seu caráter foi moldado de maneira singular, à frente de seu tempo. Anne, talvez por inexperiência com a vida social, se sente perplexa ao notar como as outras pessoas não compartilham de seu modo de ver o mundo, sem as mesmas noções sobre certo/errado, justo/injusto, e apenas vivem em concordância com as imposições. Essas regras privilegiavam os homens, que em sua maioria conseguiam o que queriam, em detrimento das mulheres, que ficavam restritas a procurarem por um bom pretendente, a serem boas esposas e boas mães.

Acerca disso, faz-se necessário apontar como a personagem reage aos trâmites de casamento. Anne alega que a forma como se é exigido das mulheres, como a demanda do dote, parece-se com uma negociação mercadológica. Sobre essa discussão, no sétimo episódio, Anne entra em debate com Gilbert durante uma conversa:



“Gilbert — Quero dizer... o que é justo pra nós. O time. Poderia ter dito sua ideia, e teríamos trabalhado juntos. Tenho certeza de que conseguimos falar sobre igualdade sem arruinar a vida de uma garota.

Anne — Agora você tem opinião sobre igualdade?

Gilbert — É a mesma opinião que eu teria tido ontem, se você tivesse perguntado.

Anne — interessante! Porque, na feira, vi você negociando um terreno incrível. Quer dizer... uma esposa” (ANNE WITH AN E, 2017).

Esse discurso ocorreu porque, após a publicação de seu polêmico artigo *O que é justo*, Anne foi proibida de escrever no jornal da escola. Gilbert relata a sua opinião sobre o ocorrido, que converge à de Anne em alguns aspectos, mas é discordante sobre os meios utilizados pela protagonista, dado que suas ações afetaram o funcionamento e os participantes da imprensa escolar. Em resposta, Anne aponta a hipocrisia de Gilbert que estava a cortejar uma moça de outra cidade, seguindo os métodos tradicionais, onde o pai da garota mostrava-lhe os benefícios financeiros ao optar por se casar com a sua filha, Winifrend. A cena marcada pelo teor da conversa, fez com que o matrimônio parecesse com um acordo mercadológico.

5. MURIEL STACY E A PROGRESSÃO FEMINISTA PELA EDUCAÇÃO

Dentre as personagens apresentadas na série, Muriel Stacy é, sem dúvidas, uma das mulheres que surgem para impactar positivamente o seu meio, mesmo que não agrade a todos de antemão. A professora é inserida na série no final da segunda temporada como nova docente da escola de Avonlea. Há um grande contraste entre Stacy e o antigo professor, Sr. Phillips. Ele não fazia nenhuma questão de ensinar e tratar bem os alunos, muito pelo contrário, tratava-os de forma grosseira e humilhante com o seu ar de superioridade. Ela, por outro lado, levou para a sala de aula métodos inovadores, uma educação menos tradicionalista e conservadora, baseada nas experiências práticas, pautando-se no respeito mútuo e empatia.

Figura 1: Professora Muriel Stacy



Fonte: *frame* de *Anne With An E* (Netflix, 2020)



Stacy se porta e se veste de maneira bem distinta de outras mulheres, utilizando trajes mais atribuídos aos homens, no contexto da série, como calças, camisas e suspensórios, renunciando aos espartilhos. Essas características, fora o fato de ser uma “forasteira”, incomodaram os moradores de Anvolea, que a taxaram como desleixada, inadequada, *solteirona*, entre outros adjetivos pejorativos. A mulher, em várias oportunidades, se relaciona com Anne fora das paredes da escola, apresentando perspectivas além das que a menina já conhecia. Ensinou-lhe, fundamentalmente, como discernir os meios mais adequados para se alcançar os resultados mais assertivos contra as injustiças, pois, mesmo que garota tivesse boas intenções em suas falas e ações, na maioria das vezes ela agia impulsivamente, sem muitos filtros, obtendo um desenlace oposto ao que de fato se pretendia.

Um exemplo disso é o diálogo contido no *Capítulo 9 - O que fomos faz parte daquilo que somos*. A professora chega na escola e propõe uma roda de conversa com o intuito de fazer com que os alunos se apresentem. Nessa dinâmica, Stacy pede para que eles digam duas palavras que os representem, iniciadas com as primeiras letras de seus nomes e sobrenomes. Anne fica extremamente empolgada com a nova professora e acaba a interrompendo várias vezes. Mesmo com as interrupções da estudante, a professora continua a sua fala. Então, chega o momento de Priscilla Andrews se apresentar e ocorre a seguinte cena:

“Priscilla — Pragmática, Astuta.

Anne — Ela deixou o ex-professor no altar.

Prof. Stacy — Talvez queira dividir seu comentário com todo mundo.

Anne — Não é segredo que a Prissy estava noiva do nosso antigo professor, mas justificadamente fugiu do casamento, eu ficaria feliz em te contar sobre cada um em Avonlea, porque eu já fui uma estranha aqui e sei como é difícil...

Prof. Stacy — Não precisa me contar as fofocas. Eu não concordo com isso.

Anne — Mas nada do que eu disse é segredo.

Prof. Stacy — Se ela quiser me contar alguma coisa ela vai me contar”
(ANNE WITH AN E, 2018).

Partindo desse diálogo, podemos observar a ausência de filtros de Anne e a clara intenção de Stacy em fazê-la compreender a diferença entre relatar informações importantes e espalhar, sem consentimento, fofocas sobre outras pessoas. A professora pontua que mesmo que um fato seja de conhecimento geral, espalhá-lo não é direito e nem relevante, em razão de invadir a individualidade alheia, bem como é mais bem explicitado no mesmo episódio: Anne procura pela docente a fim de ter aulas complementares, já que Gilbert, seu “concorrente” nos estudos, anteriormente pediu ajuda para a professora. Stacy dá uma pausa no assunto de Anne e diz:



“Stacy — Seu nome é Anne, não é?
 Anne — Com E. Pensei em inúmeras palavras que me representam essa manhã.
 Stacy — Queria falar com você sobre ficar falando pelas costas.
 Anne — Mas foi na frente deles. E eu só tentava ajudar.
 Stacy — Vejo que devo abordar respeito à privacidade alheia também. Quero que faça uma redação sobre o risco da fofoca e porque a empatia pelos outros é importante. Não tem que ser longa, mas precisa ter significado”
 (ANNE WITH AN E, 2018)

Stacy tem um nobre papel como educadora, contribuindo, principalmente, para o progresso interno de Anne. Através dos seus diálogos, guiou sua aluna pelo caminho da autopercepção, a fazendo descortinar os resultados desastrosos de suas boas intenções. Acima de tudo, a ensinou como “fazer justiça” sem magoar as outras pessoas, a comedir suas ações precipitadas em benefício de posicionamentos mais organizados e pacíficos.

A metodologia utilizada pela professora (tanto na escola, como fora dela) parte da reflexão sobre o meio em que se vive e as maneiras mais adequadas de se aproveitá-lo. Esse método pode ser observado em várias áreas, sendo também utilizado para contemplar a realidade feminina. Angelin (2019, p. 27) nos diz que “[é] a probabilidade de refletirem sobre suas realidades e, entender que ainda lhes carece o reconhecimento como seres humanas, completas, tanto nos espaços privados, quanto nos públicos” é um dos mais expressivos feitos do movimento feminista à história das mulheres.

Em linhas narrativas, apesar da sua secundariedade, podemos apontar a personagem Muriel Stacy como uma peça-chave para o desenrolar de vários núcleos a partir de sua entrada à série. Ninguém ocupava esse posto anteriormente. Sendo uma mulher independente, com pensamentos positivos sobre a vida, Stacy, que é viúva, revela completude em sua personalidade, mesmo sem um relacionamento romântico, o que acena, de modo prático, às teorias de Anne sobre o papel feminino. Outras mulheres de Avonlea viam essas características com maus olhos, demarcando, novamente, o local de alto contraste dessa personagem em relação à lógica predominante dos habitantes da pequena cidade.

A professora tem um significativo papel de mediadora. Possui uma ótica mais leve e ampliada que a dos demais, entende (assim como Anne) os impactos negativos do patriarcado, mas sabe que não pode enfrentá-lo sem usar a racionalidade. Infelizmente, o apoio da época não era tão grandioso, até por conta de não existir um movimento aglutinado, com ampla adesão, como conhecemos hoje. Diante dessa conjuntura, a luta requer uma reconstrução de pensamentos em uma microesfera, com ações calculadas, prudentes e paulatinas. É exatamente sobre esse *modus operandi* que a personagem mostra sua essencial importância.



Voltando um pouco ao *Capítulo 6 - O que eu mais quero*, onde Anne publica impulsivamente um artigo de opinião sobre o assédio de Billy contra Josie, a menina expressa sua opinião sobre como deveria ser o posicionamento em relação às injustiças sofridas pelas mulheres. Ao ver a repercussão negativa de sua ação, Anne conversa com a sua professora e a questiona se tudo o que ela havia escrito no jornal era tão sem cabimento assim. Para a garota, tudo faz o mais absoluto sentido, e reafirma a sua intencionalidade de querer ajudar. Stacy elucida à aluna que a sua escrita não foi incoerente e que, sim, houve consequências acidentais, mas que a essência de suas palavras era instigante, confessando que o artigo lhe causou grandes reflexões. A professora ainda reforça que as ideias de Anne, em um grande jornal, com leitores de mente aberta, teria sim impactos mais positivos, o que reconforta a aluna.

É imprescindível citar a fala de Stacy, onde ela diz: “Mas, Anne, por que não me procurou? Poderíamos ter evitado problemas. O jornalismo deve dar voz aos que não tem, não os silenciar ainda mais” (NETFLIX, 2020). A mulher termina a sua fala manifestando o entendimento que para que ideias novas e ousadas sejam aceitas, elas devem ser cuidadosamente planejadas e executadas de forma minuciosa, pois a passionalidade de Anne anulou a oportunidade de uma discussão inteligente e magoou ainda mais Josie, a quem tentava defender. Esse tipo de postura e pensamento, na série, não vêm de nenhuma outra personagem. A delicadeza, a racionalidade e a integridade nas palavras sempre são cuidadosamente usadas pela personagem, que sempre parece saber como se posicionar e usar a afetividade para resolver os problemas.

Na cena seguinte ao diálogo entre Anne e Stacy, a professora se retira da sala. A câmera guia a personagem até a porta, onde, em foco, é mostrado um cartaz com uma grande lista intitulada *Regras para professores*. O seu conteúdo ditava o tipo de comportamento que os educadores deveriam ter e se relacionavam com as dificuldades que a professora passou ao chegar em Avonlea. A lista parecia ser para todos os docentes, mas, no decorrer dos episódios, fica evidente que as prescrições foram direcionadas à Stacy. Por ser mulher e por todas as suas características aqui já descritas, o conselho da cidade a via como uma possível ameaça, além de desacreditarem na capacidade feminina de lecionar. A postura do conselho vinha, principalmente, de Rachel Lynde, uma mulher conservadora, que espalhava fofocas e tentava ao máximo se meter nas situações alheias, mesmo as que não lhe cabia.



6. ANNE E STACY LADO A LADO CONTRA O PATRIARCADO

Após a polêmica sobre o artigo de Anne, o conselho da cidade se mobilizou. Composto majoritariamente por homens, a única membra (Rachel Lynde) é constantemente silenciada, principalmente nas ocasiões de tomadas de decisão. Sua atuação se resume a acatar as demandas, mesmo as mais injustas. Ao se reunirem, nessa ocasião, acabaram deliberando sobre o decreto de temas fixos para o jornal da escola, pediram o desligamento de Anne da equipe de redação por ser a que mais escrevia sobre pautas progressistas. Em um movimento de censura, estipularam que “bigode, chapéu para homens e agricultura” eram os únicos temas permitidos. A imposição consistia em assuntos pouco relevantes para a sociedade e tal fato causou a revolta de alguns componentes da equipe do jornal, especificamente Gilbert e Daiana, os dois coadjuvantes da obra.

Partindo desses acontecimentos, Anne tem uma proposta revolucionária: juntamente com Stacy e seus amigos da escola, organiza um protesto reivindicando a liberdade de expressão como um direito de todos. A ideia consistia em levar o máximo de pessoas (cidadãos de Avonlea) à prefeitura, sede do conselho, onde Anne preparou um discurso: “O que vão testemunhar é uma ação organizada. Não estamos aqui para provocar! Nós estamos aqui para sermos ouvidos, mesmo que vocês tenham tentado silenciar nossas vozes, bem, temos uma mensagem para vocês (NETFLIX, 2020)”. A cena segue com a personagem abrindo as cortinas e revelando uma cena que deixou o público abismado (como consta abaixo, na *Figura 2*).

Figura 2: Liberdade de expressão é um direito humano



Fonte: frame de *Anne With An E* (Netflix, 2020)



Em adição às palavras de Anne, o grupo emprega recursos estéticos para transmitir a sua mensagem. Os que seguram placas de madeira com os dizeres *freedom of speech is a human right* (*liberdade de expressão é um direito humano*, conforme a legenda), se encontram amordaçados, denotando, em um discurso visual, a importância da liberdade de expressão ante a censura e o silenciamento por eles sofridos.

Com essa ação, em comparação com os episódios anteriores, fica evidente a mudança nas atitudes reivindicatórias de Anne, ao passo que o processo de amadurecimento de sua personalidade e o aprofundamento em suas pautas também são notórios. Ao se movimentar junto à professora Muriel Stacy, a adolescente encontra aporte prático para os seus ideais. Temos, nesse capítulo, a culminância advinda do importante encontro das duas personagens. Uma gama de mudanças, arquitetadas por apenas duas mulheres, se iniciaram na (que parecia) intocável paisagem sociocultural da cidade. Mesmo sendo minoria, fizeram muita diferença. Começaram a levar reflexões para a comunidade, amolecendo as opiniões (e corações) dos que pareciam imutáveis. Anne, com o auxílio da pedagogia de vida de Stacey, protagonizou uma renovação genuína nos padrões, outrora tão rígidos, de Avonlea. Uma menina partindo para a sua adolescência foi capaz de equilibrar o conselho da cidade, onde passou a ser exigida paridade de gênero entre homens e mulheres, para que, assim, as decisões fossem tomadas de mais justas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve contribuições para os estudos pertinentes ao feminismo, trazendo um olhar mais detalhado sobre as personagens femininas e seus papéis sociais em uma narrativa cinematográfica seriada. As temáticas aqui abordadas, bem como os três eixos principais de nossas análises (patriarcado, feminismo e cinema), são bastante frutíferas para as pesquisas realizadas em perspectiva multi/interdisciplinar. Destacamos, também, a possibilidade de se encampar discussões sobre os direitos femininos de forma mais lúdica, utilizando-se de produções audiovisuais que retratem essas relações sociais com leveza. Esperamos que os discursos de luta contra o patriarcado, fundamentados nos posicionamentos e ações que movem e provocam as melhorias na sociedade, sejam cada vez mais democratizados. Em muitos casos, as produções como *Anne With An E*, nesta era dos serviços de *streaming*, contribuem muito para isso.

Pesquisar especificamente sobre essa série nos trouxe muitas perspectivas que vão além da causa feminista. *Anne With An E* pode ser um fértil apoio didático-pedagógico para os estudos sobre representatividade em diversas temáticas, como as causas étnico-raciais (negros



e originários), LGBTQIA+, os direitos das crianças e da pessoa humana, estendendo-se para temas como a relevância do ensino de qualidade, a importância de um bom professor (o que pode abranger as discussões na área do ensino, como as diferentes abordagens educacionais, a relação professor-aluno-escola, as problemáticas concernentes ao acesso às instituições de ensino etc.).

Por fim, constata-se um impacto positivo sobre as produções cinematográficas como algo que vai além do entretenimento e apreciação estética, mas atuando como uma ferramenta de conscientização sobre tópicos relevantes para os avanços sociais. Diante de todos os apanhados relacionados às personagens, assim como os seus posicionamentos feministas, seus impactos tanto no universo ficcional quanto no mundo real, a aceitabilidade e a ampla adesão do público à produção, paira o questionamento ao leitor (e ao telespectador) se o cancelamento da série, por parte de sua produtora, era de fato necessário.

Ademais, a causa feminina nunca será esquecida. A luta sempre será necessária, a igualdade está longe de ser alcançada. Claramente, alguns avanços já foram conquistados (mas depois de séculos de embate). *Anne With An E* é um grande exemplo de que temas retratados no século XIX (e mesmo antes disso) ainda são uma realidade em pleno século XXI. O patriarcado ainda se encontra entranhado em nossa lógica social, independentemente da localidade em que se esteja. Ser mulher, hoje, em qualquer parte do mundo, continua sendo um eterno ato de resistência. As imposições patriarcais continuam a dominar os espaços relacionais. Pesquisas como esta servem para não esquecermos do que era, do que foi, do que permanece e do que um dia poderá vir a ser. Necessitamos da luta continuada e coletiva para que os progressos futuros nos levem à almejada igualdade.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela. Estratégias para a autonomia das mulheres desde os movimentos feministas. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião, São Leopoldo*, v. 5, n. 1. p. 20-34, jan./jun. 2019.

BAUER, Martin W.; GASKELL, Georgs (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BERTOLINO, SOUZA, CAROZZA. *A transversalidade do discurso feminista em “Anne With An E”*. REU, Sorocaba, SP, v. 47, n. 2, p. 419-435, dez. 2021.

CUNHA, Bárbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://www.direito.ufpr.br>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2022.



NETFLIX. **Anne with an E.** Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80198389?trackId=155573558>. Acesso em: 10 de novembro 2022.

NETFLIX. **Esforço pelo bem.** (Temporada 3, ep. 7). **Anne With An E** (série). Direção: Norma Bailey. Produção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC, 2019. Netflix (44 min.), son., color.

NETFLIX. **O que eu mais quero** (Temporada 3, ep. 6). **Anne With An E** (série). Direção: Norma Bailey. Produção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC, 2019. Netflix (44 min.), son., color.

NETFLIX. **O que fomos faz parte daquilo que somos.** (Temporada 2, ep. 9). **Anne With An E** (série). Direção: Norma Bailey. Produção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC, 2019. Netflix (44 min.), son., color.

PELLEGRINI, Tania. **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Rev. Sociol. Polit. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revista.ufpr.br>>. Acesso em: 20 de dezembro 2022.

SOARES, V. **Movimento Feminista: paradigmas e desafios.** Revista Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16089/14633>. Acesso em 23 de maio de 2023.

GOROVITZ, S. **Os labirintos da tradução: a legendagem cinematográfica e a construção do imaginário.** Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2006.

